



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE GEOGRAFIA

FRANKSYMARA MARQUES SARMENTO

A IMPORTÂNCIA TURÍSTICA DO DENOMINADO “MONUMENTO NATURAL
DO VALE DOS DINOSSAUROS” LOCALIZADO NO MUNICÍPIO DE SOUSA,
ALTO SERTÃO PARAIBANO

CAJAZEIRAS-PB
2013

FRANKSYMARA MARQUES SARMENTO

A IMPORTÂNCIA TURÍSTICA DO DENOMINADO “MONUMENTO NATURAL
DO VALE DOS DINOSSAUROS” LOCALIZADO NO MUNICÍPIO DE SOUSA,
ALTO SERTÃO PARAIBANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia, pelo Curso de Geografia do Centro de Formação de Professores Campus de Cajazeiras da Universidade Federal de Campina Grande.

Orientador: Prof. Dr. Josenilton Patrício
Rocha

CAJAZEIRAS-PB
2013



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S246i Sarmento, Franksymara Marques
A importância turística do denominado
“Monumento Natural do Vale dos Dinossauros”
localizado no município de Sousa, alto sertão
paraibano. /Franksymara Marques Sarmento.
Cajazeiras, 2013.
57f. : il.

Orientador: Josenilton Patrício Rocha
Monografia (Graduação) – UFCG/CFP

1. Turismo. 2. Vale dos Dinossauros. 3. Turismo
científico. I. Rocha, Josenilton Patrício. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU- 338.48

FRANKSYMARA MARQUES SARMENTO

A IMPORTÂNCIA TURÍSTICA DO DENOMINADO “MONUMENTO NATURAL
DO VALE DOS DINOSSAUROS” LOCALIZADO NO MUNICÍPIO DE SOUSA,
ALTO SERTÃO PARAIBANO

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciada, em Geografia, a comissão julgadora do Curso de Geografia do Centro de Formação de Professores – Campus de Cajazeiras-PB da Universidade Federal de Campina Grande.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Josenilton Patrício Rocha (Orientador)
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais/CFP/Campus de Cajazeiras-PB
Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Ms. Aldo Gonçalves de Oliveira (Avaliador)
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais/CFP/Campus de Cajazeiras-PB
Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Ms. Henaldo Gomes de Moraes (Avaliador)
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais/CFP/Campus de Cajazeiras-PB
Universidade Federal de Campina Grande

Aos meus pais pelos ensinamentos que me deram, os quais foram fundamentais para minha formação, pelo incentivo e apoio em todos os momentos que precisei, por terem dedicado grande parte de suas vidas a mim, dedico-lhes essa conquista.

AGRADECIMENTOS

A DEUS pela vida e pela sua proteção divina;

Agradeço aos meus pais, Maria de Fátima Marques e Manoel Sarmiento Furtado, pelo incentivo e apoio constante me ensinando sempre que devemos acreditar na nossa força, naquilo que desejamos e que jamais devemos desistir antes de tentarmos;

Ao meu tio Antônio Sarmiento Furtado por ter me presenteado com seu incentivo no decorrer de todo curso;

Aos meus tios, Maria Sarmiento e Roque Martins, por terem me acolhido em sua casa, a vocês meu muito obrigado, essa acolhida foi fundamental para que eu seguisse em frente;

Ao meu esposo, Francinaldo Alexandre da Silva, pela paciência durante todo esse tempo, pelo carinho, incentivo constante e pelo apoio diário o qual foi muito importante para eu chegar à etapa final;

Ao professor Dr. Josenilton Patrício Rocha, pelo privilegio de sua orientação para realização desta monografia. Obrigado pela confiança, paciência, dedicação e, principalmente, pelo conhecimento transmitido, muito obrigado;

A minha prima e amiga Maria Sarmiento Soares, pelas inúmeras vezes que precisei e sempre pude contar com seu apoio e incentivo;

As amigas Jannayna, Lidiane, Simone, Anna Lamara e Claudia pela agradável convivência, pelo apoio recíproco, pelas longas conversas, ideias e desabafos, essas lembranças guardarei para sempre, por mais longe que estivermos;

Aos colegas de turma pelos inúmeros momentos que dividimos alegrias e tristezas, porém sempre permanecemos unidos lutando pelo o mesmo objetivo e,

Aos professores do curso de Geografia da UFCG, por terem contribuindo para minha formação através dos seus ensinamentos, os quais foram fundamentais para chegar até aqui e para minha vida docente.

“O Sonho obriga o homem a pensar”

(Milton Santos)

RESUMO

Este trabalho tem como Tema a atividade turística e como objetivo geral analisar a importância turística do denominado “Monumento Natural Vale Dos Dinossauros”, localizado na cidade de Sousa-Pb, na microrregião homônima que forma parte da Mesorregião Geográfica do Sertão Paraibano. Adotamos como referencial teórico a noção de espaço geográfico proposto por Santos (1996). Para o autor este deve ser considerado como “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”. Foram utilizados dados sobre o fluxo turístico considerando as escalas nacional, regional e estadual bem como o registro de visitantes dos últimos cinco anos da área objeto de estudo. Ainda que a área não se defina como um importante destino turístico em termos numéricos, os dados mostraram que a área é visitada tanto por pessoas do próprio Estado como de estados vizinhos e também estrangeiros. Observou-se também que existe uma relação entre a importância do turismo no Estado e na área objeto de estudo. Do mesmo modo, constatou-se que a grande maioria dos visitantes passam menos de vinte e quatro horas no lugar o que pode ser atribuído ao tipo de turismo (científico, ecológico ou cultural segundo a classificação da Embratur), como se sabe esse tipo de turismo não se define por um grande número de adeptos. E, secundariamente, à própria localização geográfica (distância e acessibilidade), digo, pelo fato de estar a cerca de quatrocentos e vinte quilômetros da capital e cento e vinte e sete quilômetros aeroporto mais próximo (Juazeiro do Norte-Ce), mas também questões relacionadas a falta de promoção do lugar, de pensar o lugar de forma mais ampla, não isolada. Tal realidade poderia mudar caso se investisse na ampliação da área incluindo todo o espaço da Bacia Sedimentar do Rio do Peixe reconhecido como de valor paleontológico.

Palavras chaves: turismo, atrativo turístico, turismo científico, turismo cultural icnofósseis, Vale dos dinossauros.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - Esboço cartográfico da área objeto de estudo.....	14
FIGURA 02 - Regiões turísticas da Paraíba e seus municípios.....	32

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - Principais países receptores de turistas.....	20
QUADRO 02 - Chegadas de Turistas no Brasil Principais Regiões e Unidades da Federação.....	21
QUADRO 03 - Total de desembarques nacionais de passageiros em aeroportos do Brasil e Grandes Regiões.....	22
QUADRO 04 - Total de desembarques nacionais de passageiros em aeroportos Região Nordeste.....	22
QUADRO 05 - Movimentação de passageiros em aeroportos João Pessoa-PB, Campina Grande-PB e Juazeiro do Norte-Ce.....	23
QUADRO 06 - Número de visitantes - Média anual e mensal.....	50
QUADRO 07 - Procedência dos visitantes.....	51

LISTA DE FOTOS

FOTO 01 - Pegadas de Dinossauros.....	33
FOTO 02 - Museu do Monumento Natural Vale dos Dinossauros.....	33
FOTO 03 - Réplica de Dinossauro.....	34
FOTO 04 - Passarela de observação das pegadas.....	34
FOTO 05 - Passarela de observação das pegadas.....	35
FOTO 06 - Interior do Museu – Painel informativo.....	35
FOTO 07 - Interior do Museu – Painel informativo.....	36
FOTO 08 - Interior do Museu – Jardim Temático - recriação de ambientes de reprodução.....	36
FOTO 09 - Interior do Museu – Imagens de várias espécies de dinossauros e bancadas com troncos fossilizados.....	36
FOTO 10 - Interior do Museu – Tronco fossilizado.....	37
FOTO 11 - Canal de alívio.....	42
FOTO 12 - Fachada do museu.....	43
FOTO 13 - Interior do Museu.....	43
FOTO 14 - Interior do Museu.....	43
FOTO 15 - Interior do Museu.....	44

FOTO 16 - Réplica de Dinossauro.....	44
FOTO 17 - Ponte sobre o canal de alívio.....	44
FOTO 18 - Acesso principal ao Monumento Natural Vale dos Dinossauros.....	46
FOTO 19 - Ponte sobre o canal de alívio que dá acesso à área onde encontram-se as pegadas fossilizadas.....	46
FOTO 20 Ponte sobre o rio do peixe.....	46
FOTO 21 - Acesso as pegadas, aos quiosques e a casa de apoio ao pesquisador.....	47
FOTO 22 - Sinalização turística.....	47
FOTO 23 - Sinalização turística.....	47
FOTO 24 - Sinalização turística/estacionamentos.....	48
FOTO 25 - Sinalização turística.....	48
FOTO 26 - Quiosques localizados em frente ao museu.....	48
FOTO 27 - Área para estacionamento, calçadas e rampas adaptadas para pessoas com necessidades especiais.....	49

LISTA DE SIGLAS

EMBRATUR - Empresa Brasileira de Turismo.....	18
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.....	18
DENOCS - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.....	13
MMA - Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal.....	13
OMT – Organização Mundial do Turismo.....	24
UFPB - Universidade Federal da Paraíba.....	41
PED - Projeto de Execução Descentralizada.....	13
SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação.....	52
SUDEMA - Superintendência de Administração do Meio Ambiente.....	45
SUPLAN - Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado da Paraíba.....	45
UC'S - Unidades de Conservação.....	12

SUMÁRIO

RESUMO

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE TABELAS

LISTA DE FOTOS

LISTA DE SIGLAS

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 01 – Metodologia.....	15
1.1 - Referencial Teórico.....	15
1.2 - Método de Pesquisa.....	18
CAPÍTULO 02 – Síntese do Turismo no Brasil, no Nordeste e na Paraíba.....	20
CAPÍTULO 03 - Turismo e Atrativo Turístico: algumas considerações.....	24
3.1 - Definindo Turismo.....	24
3.2 - Definindo o Atrativo Turístico.....	26
3.3-A atividade Turística e sua Importância para o Desenvolvimento Local.....	29
CAPÍTULO 04 - O Denominado “Monumento Natural Vale Dos Dinossauros” como Destino Turístico.....	32
4.1 - Os Atrativos Turísticos.....	33
4.2- A Infraestrutura Turística.....	39
4.3- O “Turista” que Visita o Denominado “Monumento Natural Vale dos Dinossauros”.....	49
05 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
06 - REFERÊNCIAS.....	54

INTRODUÇÃO

Há registros que consideram que o turismo possui suas origens na antiga Grécia quando muitos gregos se deslocavam motivados pela religiosidade para visitar santuários ou participando de competições esportivas tais como os jogos olímpicos. Mas foi a partir do século XX, mais precisamente após a Segunda Guerra Mundial, que o turismo evoluiu devido aos aspectos relacionados à produtividade, a conquista do tempo livre, ao poder de compra e também ao bem-estar resultante da restauração da paz no mundo. Outro fator que impulsionou esta atividade foi o desenvolvimento dos meios de transportes e comunicações.

Na Geografia os estudos sobre a atividade turística se acentuaram na década de sessenta. Esse se deve principalmente à aceleração e desenvolvimento desse fenômeno que marcou o período pós-guerra tanto nos países capitalistas centrais avançados como nos periféricos. É o chamado turismo de massa ou fordista representado aí pelo turismo sol e mar. A crescente importância dessa atividade fez com que nas décadas seguintes novas modalidades de turismo fossem sendo desenvolvidas como é o caso do turismo ecológico, de aventura, religioso, cultural, científico, entre outros.

Nesse sentido, sendo o espaço geográfico com todos os seus atributos a base para o desenvolvimento do turismo e, como objeto de estudo da Geografia, espaço esse sinônimo de espaço humano, sinônimo de espaço social, como define Santos (1979), justifica-se o interesse da Geografia por essa prática social já que o turismo transforma, organiza e reorganiza espaços. Cabe ressaltar que o turismo não transforma o espaço sozinho, ou seja, ele depende de um conjunto de relações que envolvem outros setores e outras atividades para se desenvolver. Por isso afirma-se que o turismo se apropria de elementos contidos no espaço passando dessa forma a lhe atribuir um novo valor.

Praticar turismo significa consumir tempo fora do nosso habitual, esse tempo fora do habitual pode ser ocupado de diversas formas, sendo o turismo uma delas. Fazer turismo vai além da vontade de viajar, requer recursos financeiros, meios de hospedagem e principalmente disponibilidade de tempo livre. Muitas pessoas usam o turismo para tentar fugir dos problemas cotidianos ou até mesmo da realidade. Esse também pode ser realizado pelo simples prazer de conhecer novos lugares e se divertir.

No entanto, é comum algumas pessoas, mesmo estando em tempo de lazer, continuarem submetidas às obrigações cotidianas. Nesse sentido, viajar significa manterem-se longe de tais obrigações. Desta forma, as viagens tornam-se atraentes pela oportunidade de se fazer algo que não seja o usual, e assim descansar, conhecer novos lugares, divertir-se de uma maneira diferente, sendo considerado como uma oportunidade para recarregar as energias, renovar as forças, aliviar a mente, entre outros benefícios.

O nosso objeto de estudo é a área referente ao “Monumento Natural Vale dos Dinossauros” que está localizado na porção noroeste do município de Sousa-Pb¹, que forma parte da microrregião geográfica homônima e da Mesorregião Geográfica do Sertão Paraibano (ver esboço cartográfico 01). A área localiza-se no sítio denominado “Passagem das Pedras”, mais precisamente no quilômetro 07 da Rodovia Estadual PB-391, que une os municípios paraibanos de Sousa e Uiraúna. O acesso é realizado pela Rodovia Federal BR-230, que liga a capital João Pessoa a cidade de Sousa, e pela Rodovia Estadual PB-391, que une este município a vizinha cidade de Uiraúna. A sede do município encontra-se a 420 km da capital paraibana. A área representa uma das unidades de conservação da caatinga definida como área de relevante interesse ecológico².

O denominado “Monumento Natural Vale dos Dinossauros” encontra-se localizado no domínio semiárido paraibano. O clima é o semiárido tropical, com temperatura média anual por volta dos 27°C e índice pluviométrico em média de 800 mm anuais, caracterizado por chuvas escassas e irregulares, baixa umidade do ar e baixos volumes pluviométricos. A estação chuvosa costuma ocorrer entre os meses de novembro e abril. A cobertura vegetal é composta pela caatinga, uma vegetação de caráter mais seco que se adapta a falta d’ água por longos períodos.

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a importância turística do denominado “Monumento Natural Vale dos Dinossauros”, área conhecida pela existência de “rastros fossilizados” de dinossauros e considerada como a maior distribuição de pegadas fósseis ou icnofósseis destes répteis do mundo. Segundo estudos realizados por especialistas lá encontram-se rastros e trilhas fossilizadas de mais de oitenta espécies em

¹ A cidade de Sousa está limitada ao norte pelos municípios paraibanos de Vieirópolis, Santa Cruz e Lastro; a sul por Nazarezinho e São José da Lagoa Tapada; a leste por São Francisco e Aparecida e, a oeste por São João do Rio do Peixe e Marizópolis (ver mapa 1.2).

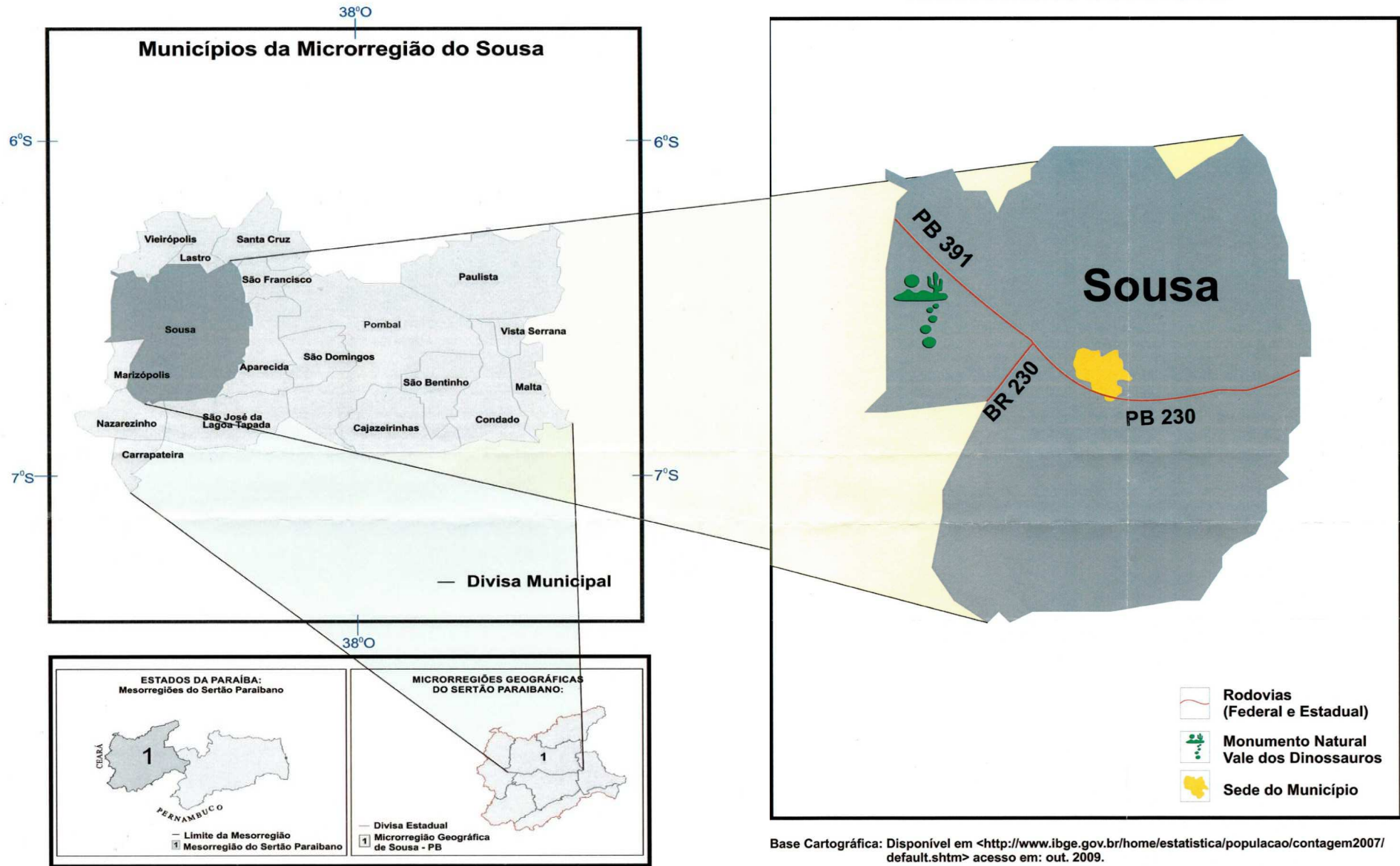
² As Unidades de Conservação – UC’S são definidas como “espaço geográfico do território nacional com características ecológicas relevantes e limites definidos, instituído pelo poder público para garantir a preservação do seu patrimônio. A Unidade de Conservação Monumento Natural Vale dos Dinossauros foi criada em 19 de outubro de 1992.

cerca de vinte níveis estratigráficos. Na área referente ao denominado “Monumento Natural do Vale dos Dinossauros” destacam-se as trilhas das localidades conhecida como “Passagem das Pedras” onde foram descobertas os primeiros indícios de dinossauros no fim do século XIX³. Essas representam o principal atrativo turístico da nossa área objeto de estudo.

Assim, norteados pelo objetivo geral, digo, analisar a importância turística do denominado “Monumento Natural Vale Dos Dinossauros”, discute-se a sua importância turística considerando o turismo como uma prática social que organiza, reorganiza e transforma espaços a partir da valorização de aspectos geonaturais e geoculturais. A idéia de trabalhar o tema turismo e a importância turística se deu diante da constatação da escassez de trabalhos geográficos que enfocassem esse aspecto. Decidiu-se fazer uma pequena discussão da definição de turismo e de atrativo turístico buscando entender o nosso objeto de estudo. Do mesmo modo foi feita uma pequena síntese do fluxo de turismo considerando os desembarques nas escalas nacional, regional e estadual, bem como, os dados referentes ao fluxo de turistas na nossa área objeto de estudo, além de um olhar sobre os aspectos infraestruturais para, por fim, tentar entender e definir a importância turística do denominado “Monumento Natural Vale dos Dinossauros”.

³Segundo Leonardi & Carvalho (2000) a primeira divulgação científica das pegadas foi no ano de 1920. Essa divulgação foi feita por Luciano Jaques de Moraes, um engenheiro de minas brasileiro, que trabalhava para o Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS), na região. Segundo consta, o citado engenheiro de minas descobriu no Oeste do estado da Paraíba duas pistas, mais precisamente em rochas no leito do Rio do Peixe, na localidade de Passagem das Pedras. De acordo com os autores a localidade foi tombada como Monumento Natural em 20 de dezembro de 1992, através de um decreto - Lei estadual (Decreto no 14.833, de 20 de dezembro de 1992, Diário Oficial do Estado da Paraíba), e então designado como “Monumento Natural Vale dos Dinossauros”. No de 1996, através de um convênio assinado entre o Ministério do Meio Ambiente, Estado da Paraíba/Superintendência de Administração do Meio Ambiente e a Prefeitura Municipal de Sousa (Convênio MMA/PNMA/PED), que visando à consolidação do Monumento Natural Vale dos Dinossauros” com base no Decreto 14.833, desapropriou uma área de quarenta hectares no Sítio Passagem das Pedras, local onde foi descoberto as pegadas.

FIGURA 01
ESBOÇO CARTOGRÁFICO
ÁREA OBJETO DE ESTUDO



Base Cartográfica: Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/default.shtm>> acesso em: out. 2009.

CAPÍTULO 01 – Metodologia

1.1 Referencial Teórico

A sociedade humana, ao longo de sua existência tem procurado desenvolver formas diversas para garantir não somente a sua sobrevivência frente as hostilidade do meio, mas, sobretudo, frente a outros grupos. A história mostra que sempre foi assim desde o início dos tempos. Por outro lado, se no início era à sobrevivência o que importava, no momento posterior, as estratégias se direcionaram na perspectiva da busca de domínio, de poder e de acumular riquezas através da exploração do seu semelhante.

Com o surgimento do capitalismo e as revoluções industriais que se sucederam a partir do século XVIII, a sociedade humana passa a viver um novo ainda que não menos cruel período da sua história. Há de se considerar, entretanto, que não se trata de um período marcado somente pela busca incessante por lucro e pela exploração do trabalhador por parte dos capitalistas. Trata-se, também, de um período de grandes avanços tecnológicos, de grandes conquistas em todas as áreas do conhecimento ainda que estas não tenham alcançado todos os povos.

Assim, as estratégias de desenvolvimento foram pautadas em um modelo de produção onde um grupo reduzido e detentor dos meios de produção se apresentam como “os maestros de uma grande orquestra sinfônica conduzindo-a ao seu bel prazer.” Do outro lado a grande massa desprovidas desses meios representados pelos trabalhadores que detinham apenas a força de trabalho e a necessidade de sobreviver, sendo assim explorados, vulneráveis e entregues a toda sorte. Ainda que pequenas, mudanças são registradas ao longo desses três últimos séculos, essa foi durante muito tempo a realidade a qual estava submetida grande parte da sociedade humana e que, desafortunadamente, ainda continua sendo uma realidade em muitas partes do mundo.

A busca pela reprodução do capital fez surgir novas tecnologias, novos setores, novas concepções, novos produtos, novos hábitos e práticas, uma nova cultura e também uma nova sociedade. Nesse sentido, as conquistas trabalhistas desde o século XVIII, representaram também um importante avanço nas relações sociais de produção e também na configuração dessa sociedade. Essas são marcadas, sobretudo, pela redução da carga horária semanal, direito a férias remuneradas, ou seja, direito ao tempo livre, tempo esse

que seria dedicado ao descanso, ao lazer, a família. Nesse sentido, o período pós-guerra é marcado por grandes transformações na sociedade humana. Os avanços tecnológicos foram acompanhados pelo surgimento de novas formas de produzir, de relacionar-se de pensar e, também de novas atividades.

De fato, os últimos três séculos foram importantíssimos para a sociedade humana. Não desprezando a importância das grandes navegações, pois através destas se passou a conhecer todas as partes do planeta, o capitalismo, as revoluções industrial que se sucederam, acompanhado das novas descobertas, inventos, não somente redesenhou o mundo como construiu uma nova sociedade com novos hábitos, costumes, práticas e valores. Esses imprimiram na sociedade uma nova maneira de ver o mundo, relacionar-se com ele e atuar no espaço geográfico. Nesse contexto, a valorização de aspectos geonaturais e geoculturais, é uma das marcas da sociedade da metade do século XX e que se afirmou nas décadas seguintes. A atividade turística é uma dessas marcas da sociedade atual e isso só foi permitido graças às conquistas trabalhistas e aos avanços nos meios de transportes e comunicações assistido pela sociedade na metade do recém concluído século.

A geografia, ao longo de sua trajetória, ainda que de forma bastante atropelada, também trilhou o seu caminho tentando compreender e explicar as relações sociedade natureza ou homem-meio. Ao longo da sua história a categoria espaço sempre constituiu um conceito mais abrangente e abstrato, pelo fato de poder ser compreendido de várias maneiras. Para a presente investigação adotamos como referencial teórico a proposta de Santos, (1996, p.51) onde o autor afirma que o espaço é formado por: “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. De acordo com o autor o espaço geográfico é aquele que contém um passado histórico e que ao longo do tempo foi transformado pela ação social, técnica e econômica daqueles que participaram desse dado momento. É objeto porque tem um valor que lhe é atribuído pela sociedade e é ação porque é esta que lhe dá existência, materialidade.

Para o autor essas relações estão representadas e acontecendo diante dos nossos olhos por meio dessas formas e funções, ou seja, elas não ocorrem de forma isolada. A sociedade apresenta-se como a protagonista nessas relações, uma vez que a mesma participa de todo esse processo ao longo de sua história, onde o espaço representa um conjunto de mercadorias a qual, com valor próprio, valor esse atribuído pela sociedade em um dado momento. Como corrobora Santos (1999, p.83),

o espaço, uno e múltiplo, por suas diversas parcelas, e através do seu uso, é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é, cada fração da paisagem.

De acordo com o autor a sociedade ao longo de sua história participa ativamente do processo de utilização dos recursos ou objetos, movidos por necessidades atuais. Nesse caso considera-se os recursos a partir do o que o objeto poderia nos oferecer, ou seja, sua funcionalidade. Segundo Santos (1999, p.56), “a complexidade dos objetos aparecem em dois níveis, ou seja, como complexidade funcional e como complexidade estrutural”. A complexidade funcional de um objeto está incluída com o repertório de funções que podem ser compatíveis no seu uso. Quanto à complexidade estrutural do objeto, Santos (1996, p.56), destaca que:

a complexidade estrutural do objeto se relaciona com a variedade do repertório de seus elementos, podendo demonstrar-se que não há diferença entre complexidade estrutural e informação. A complexidade estrutural de um objeto é sua informação porque é a forma como pode comunicar-se com outro objeto, ou servir a uma pessoa ou empresa ou instituição tanto aquela que trabalha diretamente sobre ele, quanto, igualmente, a que, mesmo de longe, tem comando sobre operações econômicas e sociais locais. Quanto mais estruturalmente complexo é um objeto, mais eficaz e rapidamente oferece uma resposta adequada.

O espaço geográfico se apresenta como um reflexo da sociedade, ocupado e organizado pela mesma, resultado de todo processo histórico e das forças produtivas de trabalho, fruto da relação homem-natureza, apresentando-se de forma diferenciada, isso porque a humanidade passou a modificá-lo com o tempo, para atender as suas necessidades. Nesse sentido, a atividade turística e o turismo fazem parte desse processo a partir dos anos de 1960 com o turismo de massa. É a valorização de aspectos geonaturais e geoculturais por parte da sociedade que lhe transforma em uma prática social capaz de produzir espaços e criar novos significados, mas ele não transforma esses espaços sozinho, é necessário apropriar-se de elementos contidos no espaço.

Como afirma Boullon (2002, p.79):

o espaço turístico é consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos que, não devemos esquecer, são matéria prima do turismo. Este elemento do patrimônio turístico, mais o empreendimento e a infra-estrutura turística, são suficientes para definir o espaço turístico de quaisquer país.

1.2 Método de Pesquisa

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico na biblioteca do CFP da UFCG, e em vários sites onde foram localizados e baixados artigos e dissertações, considerando o nosso tema. Posteriormente foram feitas leituras as quais nos auxiliaram na realização do trabalho. O objetivo desse levantamento teórico foi possibilitar a compreensão de conceitos sobre o tema abordado possibilitando dessa forma sua contextualização além de fornecer subsídios para a análise das informações obtidas.

Foram utilizados também para nossa pesquisa dados documentais, esta também incluiu visitas a vários sites como o IBGE para a obtenção da base cartográfica. Utilizamos também o Censo Demográfico 2010 (IBGE/2010), para obtermos dados referentes ao município e o Anuário Estatístico da Embratur para os dados referentes aos desembarques internacional e nacional nos aeroportos.

Para nossa área objeto de estudo optamos por trabalhar com dados referentes aos últimos cinco anos para dessa forma podermos fazer uma análise dos mesmos e alcançar o objetivo principal da pesquisa. Para obtenção desses dados procurou-se trabalhar com os números referentes à média anual, média mensal e procedência do visitante. Para obtenção desses dados foram analisados os livros de registros dos visitantes dos últimos cinco anos (2007, 2008, 2009, 2010 e 2011).

Os dados coletados foram analisados de duas formas: descritiva e analítica. Depois de coletados foram representados em quadro os quais foram considerados a média anual e mensal além da procedência, e posteriormente foi realizado análise dos mesmos.

Por último, foi feita a pesquisa de campo, onde foi possível observar, levantar informações sobre os aspectos infraestruturais. Também foi realizado o levantamento do

número de visitantes do “Monumento Natural Vale Dos Dinossauros”, baseado na média referente aos últimos cinco anos (2007, 2008, 2009, 2010, 2011), com o objetivo de levantar os dados referentes ao fluxo turístico. A pesquisa de campo incluiu também registro fotográfico dos atrativos, da infraestrutura existentes.

CAPÍTULO 02 – Síntese do Turismo no Brasil, no Nordeste e na Paraíba

O turismo tem-se destacado como uma prática da sociedade humana que a tem colocado como uma das principais atividades econômicas em escala mundial. Segundo os dados do Anuário Estatístico da Embratur (2012), a nível mundial essa prática tem movimentado um grande número de pessoas anualmente, pessoas com propósito de conhecer outros lugares em busca de lazer e também para participar de eventos diversos como feiras, congressos, etc. Trata-se de uma prática social que inclui, muitas vezes, o desejo de repouso, conhecer outros lugares e reencontrar pessoas.

Com relação ao Brasil, conforme pode ser visto na tabela abaixo, o mesmo ocupa o 16º lugar no ranking dos principais países receptores de turistas, posição esta que vem mantendo desde a última década (ver quadro 01). Este caracteriza-se por oferecer ao turista atrativos diversificados o que inclui desde o turismo sol-mar ao turismo histórico-cultural, religioso, ecológico, de aventura, entre outros.

QUADRO 01
Turismo Mundial
Principais Países Receptores de Turistas – 2011

PAÍSES		TURISTAS (Milhões de Chegadas)
1º	França	79,5
2º	Estados Unidos	62,3
3º	China	57,3
4º	Espanha	56,7
5º	Itália	46,1
6º	Turquia	29,3
7º	Reino Unido	29,2
8º	Alemanha	28,4
9º	Malásia	24,7
10º	México	23,4
11º	Áustria	23,0
12º	Rússia	22,7
13º	Hong Kong	22,3
14º	Ucrânia	21,4
15º	Tailândia	19,1
16º	Brasil	5,4

Fonte: Anuário Estatístico de Turismo (Embratur, 2012).

Para o turismo receptivo os dados da Empresa Brasileira de Turismo – Embratur (2011), mostram que o Brasil recebe turistas dos quatro cantos do mundo. Os principais emissores estão representados pela Argentina que destaca-se como o principal com 29,33%, seguido pelos Estados Unidos com 10,95%, Uruguai com 4,81%, Alemanha com 4,45% e Itália com 4,22%. Os 46,24% procedem tanto de países da América do Sul como de outros continentes.

No que se refere aos principais destinos, conforme pode ser visto na tabela abaixo, o turista estrangeiro tem preferido a região sudeste, aqui representado, sobretudo pelas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro bem como pelo litoral dessas duas regiões. Nestes são o turismo sol-mar e cultural os principais motivadores. Ainda na região sudeste vale destacar o turismo cultural aí representado pelas capitais, bem como pelas cidades históricas do estado de Minas Gerais.

QUADRO 02
Chegadas de Turistas no Brasil
Principais Regiões e Unidades da Federação – 2011

Grandes Regiões	Unidades da Federação	Total de Desembarques
Nordeste	Bahia	166.278
	Ceará	97.553
	Pernambuco	79.835
	Rio G. do Norte	44.235
Sudeste	São Paulo	2.094,854
	Rio de Janeiro	1.044,931
	Minas Gerais	52.134
Sul	Santa Catarina	179.303
	Rio G. do Sul	724.879
	Paraná	750.008
Brasil		5.433.354

Fonte: Anuário Estatístico de Turismo – Embratur, 2012.

Considerando o turismo interno ou doméstico, segundo o Anuário Estatístico da Embratur (2011), foram registrados nos aeroportos quase oitenta milhões de desembarques (ver tabela 03). As principais regiões são a Sudeste e Nordeste, onde a atividade turística destaca-se no cenário nacional. Na região Sudeste São Paulo e Rio de Janeiro representam os estados mais visitados enquanto que na região Nordeste Bahia e

Pernambuco se destacam. A Paraíba ocupa a sétima posição na região recebendo pouco mais de 4% do total de desembarques (ver Quadro 04).

QUADRO 03
Brasil e Grandes Regiões
Total de Desembarques Nacionais em Aeroportos -
2011

Grandes Regiões	Total de Desembarques	%
Norte	4.911.685	6,19
Nordeste	15.029.432	18,96
Sudeste	38.193.215	48,19
Sul	10.429.894	13,16
Centro Oeste	10.680.030	13,47
Brasil	79.244.256	100

Fonte: Anuário Estatístico de Turismo – Embratur, 2012.

QUADRO 04
Região Nordeste
Total de Desembarques em Aeroportos - 2011

Região Nordeste	Total de Desembarques	%
Nordeste	15.029.432	100
Alagoas	764.598	5,08
Bahia	4.097.820	27,26
Ceará	2.874.243	19,12
Maranhão	1.065.408	7,08
Paraíba	610.153	4,05
Pernambuco	3.297.545	21,94
Piauí	543.409	3,61
Rio Grande do Norte	1.233.113	8,20
Sergipe	543.143	3,61

Fonte: Anuário Estatístico de Turismo - Embratur, 2012.

Considerando os dados referentes aos desembarques nos aeroportos de João Pessoa e Campina Grande, na Paraíba e, Juazeiro do Norte no Ceará, por serem os aeroportos localizados mais próximos a nossa área objeto de estudo, observa-se em 2011 que o maior número de desembarques foi registrado no aeroporto Presidente Castro Pinto

em João Pessoa-PB, o mesmo encontra-se a 420 km da cidade de Sousa- PB onde está localizado o Monumento Natural Vale dos Dinossauros (ver Quadro 05).

QUADRO 05
Movimentação de Passageiros em Aeroportos
João Pessoa-PB, Campina Grande-PB e Juazeiro do Norte-Ce
2011

Aeroporto	Total de Desembarques
Juazeiro do Norte-CE (Orlando B.de Menezes)	171.953
João Pessoa-PB (Presidente Castro Pinto)	558.282
Campina Grande-PB (Presidente João Suassuna)	51.871

Fonte - Anuário Estatístico de Turismo - Embratur, 2012.

Ainda que os dados apresentados mostrarem a importância do Brasil no cenário internacional, já que esse ocupa a décima sexta posição no ranking mundial e mesmo que os números representem pouco mais de 6% dos desembarques internacionais registrado na França que ocupa o primeiro lugar, observa-se que o turismo internacional no Brasil ainda apresenta-se tímido. No referente ao turismo doméstico dos quase oitenta milhões de desembarques registrados nos aeroportos do país, observa-se que a região Nordeste, ainda que seja a segunda mais visitada, contabiliza pouco mais de 18% dos desembarques. Neste contexto, o estado da Paraíba é o sétimo colocado com 4%. Esses dados nos revelam o pouco desenvolvimento do turismo em nossa região.

CAPÍTULO 03 - Turismo e Atrativo Turístico: algumas considerações

Devido ao seu caráter multidisciplinar o termo turismo assim como a definição de atrativo turístico possuem um grande número de definições. Quando se busca uma definição constata-se que não existe um consenso, fato este atribuído a esse “caráter” multidisciplinar apresentado pela atividade turística. De uma forma ou de outra e ainda que muitas definições sejam consideradas demasiado amplas, pois além de ser uma prática social o turismo é também uma atividade econômica, consideramos que as definições existentes contribuem de alguma maneira para aprofundar o entendimento de turismo. Assim, nos parágrafos que seguem e atentos sempre aos objetivos da pesquisa, foram considerados quatro definições de turismo entendendo que para o presente ensaio, ou seja, para um trabalho de conclusão de curso, essas oferecem subsídios suficientes.

3.1-Definindo Turismo

A Organização Mundial do Turismo– OMT (1994) define turismo como “as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo superior a 24 horas e inferior a 60 dias consecutivos, com fins de lazer, negócios e outros”. Para a OMT, o turismo pode ser entendido como todos os tipos de viagens motivadas pelas mais variadas razões. Dentre elas o lazer, passeios, negócios, saúde, religião, estudos, dentre outros, ou seja, para a OMT todos os deslocamentos de indivíduos no espaço por um período de tempo superior a 24 horas e inferior a 60 dias consecutivos, com fins de lazer, negócios e outros podem ser considerados como deslocamentos turísticos.

A Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR (1992) define turismo da seguinte maneira:

1. “atividade econômica representada pelo conjunto de transações de compra e venda de serviços turísticos efetuadas entre os agentes econômicos do turismo. É gerado pelo deslocamento voluntário e temporário de pessoas para fora dos limites da área ou região em que têm residência fixa, por qualquer motivo, excetuando-se o de exercer alguma atividade remunerada no local que visita”. 2.

“Conjunto de relações e fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do lugar de domicílio, desde que tais deslocamentos e permanência não estejam motivados por uma atividade lucrativa”.

Como pode ser observado a definição apresentada pela Organização Mundial do Turismo– OMT, ainda que não deixe explícito as transformações espaciais resultantes da atividade turística, essa não pode deixar de ser considerada já que para essa organização, se o lugar foi visitado por uma pessoa ou por um milhão de pessoas, existe turismo ainda que não resulte ou traga benefícios para o lugar. Já na definição da Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR, além dessa considerar o turismo como uma atividade, dar ênfase as transações de compra e venda de serviços turísticos efetuadas entre os agentes econômicos do turismo. Nessa podemos observar que é considerado não somente o destino turístico. Por outro lado, ao definir como um conjunto de relações e fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do lugar de domicílio, está implícito a organização espacial.

Rodrigues (1999, p.17), define turismo da seguinte maneira:

[...] um fenômeno econômico, político, social e cultural dos mais expressivos das sociedades ditas pós-industriais. Movimenta, em nível mundial, um enorme volume de pessoas e de capital, inscrevendo-se materialmente de forma cada vez mais significativa ao criar e recriar espaços diversificados.

Para a autora o turismo é uma atividade capaz de transformar e reorganizar o espaço geográfico, exercendo uma ação efetiva sobre o mesmo, além de exercer forte poder de influência sobre os indivíduos, uma vez que movimenta milhares de pessoas todos os anos e, a partir do momento que essas viajam consequentemente movimentam capital. Na definição acima, quando a autora afirma que o turismo “movimenta, em nível mundial, um enorme volume de pessoas e de capital” subentende-se que isso, ou seja, movimento de milhares de pessoas e capital a nível mundial, não quer dizer, ou melhor, não significa, que isso se constate ou se realiza em todos os lugares ou destinos turísticos.

A definição da OMT difere da anterior, pois como foi definido por Rodrigues, o turismo é uma atividade que transforma e organiza o espaço e que movimenta, a nível

mundial, milhares de pessoas e capital ainda que esse movimento de pessoas e capital não seja uma realidade de todos os destinos turísticos ou localidades “definidas” como turística.

Por outro lado e como considera Beni (2006), o turismo agrega também a função de atividade econômica. Como tal o turismo vem organizando, produzindo e consumindo espaços diversificados. Nesse aspecto o turismo destaca-se como uma atividade capaz de gerar empregos, podendo ser visto como ferramenta de desenvolvimento de uma localidade ou país de forma mais ou menos intensa, conforme sejam os recursos disponíveis, através da preparação de um ou mais atrativos.

De fato, o turismo é capaz de originar novas fontes de riqueza e incrementar as existentes nos lugares em que acontece. Nesse sentido, vale ressaltar que estamos falando de um movimento de pessoas e capital significativo o que não se constata em todos os denominados destinos turísticos. Tal atividade abrange uma série de áreas tais como gastronomia, transportes, hotelaria, comércio, lazer, entre outros. Por outro lado, exige uma infra-estrutura que inclui aeroportos, estradas, portos, ferrovias, abastecimento de água e energia, sistemas de esgotos, coleta de lixo, telecomunicações, entre outros. Do mesmo modo não se pode esquecer que outros fatores concorrem para a consolidação do destino turístico tais como a importância ou valorização social atribuída ao atrativo turístico, a infraestrutura e serviços ofertados.

3.2 – Definindo o Atrativo Turístico

Segundo o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (2004, p. 225), o termo atrativo pode ser definido como algo que tem o poder de atrair, que atrai. Assim, quando falamos em atrativo turístico o que nos vem à mente é algo que atrai, que desperta o interesse. Quando o relacionamos com o turismo pensamos logo em algo que motiva as pessoas a se deslocarem de seu lugar de origem com o propósito de conhecer outros lugares, sítios paleontológicos, participar de eventos, ou acontecimento que desperte o interesse do indivíduo. Ainda que não esteja explícito, essa definição de atrativo deixa claro que o atrativo principal por si só não tem força para desenvolver ou gerar um importante fluxo de turista.

Segundo Carvalho (2007) citado por Tavares (2002, p.26 -69),

Os atrativos turísticos referem-se a tudo o que atrai, estimula e incentiva o turista a realizar a visitação. Atrativos podem estar relacionados a diversos aspectos da localidade visitada, como a história, cultura, geografia, meio ambiente entre outros aspectos.

Nessa mesma concepção Beni (2006, p.160) define atrativo turístico como:

Todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse turístico que motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-lo. Podem ser atrativos "naturais ou histórico-culturais, manifestações e usos tradicionais e populares; realizações técnicas e científicas contemporâneas; acontecimentos programados. Particularmente, entendo esse como um dos principais fatores do sistema turístico, pois sem os atrativos, seria inútil o desenvolvimento dos outros serviços turísticos, já que, é ele o grande causador motivacional das viagens.

Ainda que o atrativo ou atrativos representem os principais fatores responsáveis pela geração de fluxo turístico, como bem assinala Beni (op cit.), já que sem esse(s) seria inútil o desenvolvimento dos outros serviços turísticos, não basta apenas atrair. É necessário que se tenha condições de uso turístico, ou seja, que possa oferecer ao turista possibilidades para que ele não somente desfrute do lugar mas que ofereça as condições mínimas de bem estar. Sendo assim, o autor considera como atrativo tudo que está presente no lugar de destino e que pode ser oferecido ao turista, uma vez que o atrativo não é visitado de forma isolada. Torna-se dessa forma necessário que além do atrativo principal de cada lugar invista-se na oferta turística que pode ser definida de acordo com Beni (2006, p.169) como:

[...] o conjunto de equipamentos, bens e serviços de alojamento, de alimentação, de recreação e lazer, de caráter artístico, cultural, social ou de outros tipos, capaz de atrair e assentar uma determinada região, durante um determinado período de tempo, um público visitante.

Assim, de acordo com o autor, são considerados atrativos outros aspectos como o conjunto de serviços oferecidos ao turista, ou seja, elementos com potencial de atração e retenção do turista, definição essa diferente das anteriores. Nessa perspectiva, Ruschmann (2012, p. 134) afirma que:

“A oferta turística de uma localidade é constituída da soma de todos os produtos e serviços adquiridos ou consumidos pelo turista durante a sua estada em uma destinação. Esses bens podem ser agrupados em duas categorias de oferta – as Atrações e os Equipamentos e Serviços”.

A autora, diferentemente dos anteriores, utiliza o termo oferta turística para referir-se tanto aos atrativos como a oferta de equipamentos e serviços. Assim, de acordo com Ruschmann (2012) e Beni (2006), para que a atividade turística se desenvolva torna-se necessário um conjunto de fatores que influencie direta ou indiretamente no seu desenvolvimento e, conseqüentemente no seu sucesso, não sendo somente o atrativo em si o principal fator, mas todo um conjunto de fatores interligados entre si, por eles definidos como oferta turística.

Por outro lado, ainda que Ruschmann (2012) e Beni (2006) considerem o conjunto representado pelo atrativo principal mais infraestrutura, etc., etc., etc., mais uma vez destacamos o fator valorização social e a localização do atrativo turístico. Esse dois fatores, no nosso entender, representam diferenciais importantíssimos quando trabalhamos a importância dos destinos turísticos e, nesse sentido, o turismo como uma prática social que resulta em mudanças, em transformações do lugar, ou seja, em desenvolvimento.

Nessa mesma vertente, Santos em sua obra “A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção (1996, p. 59) a partir da noção de espaço geográfico como “conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, introduz na ciência geográfica a noção de objeto geográfico. Para o autor, seria objeto geográfico “[...] tudo o que existe na superfície da Terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou. Os objetos são esse extenso, essa objetividade, isso que se cria fora do homem e se torna instrumento material de sua vida [...].

Para Santos seria objeto geográfico todo e qualquer objeto que possui uma história, ou seja, que não existe apenas por existir, mas que há uma razão para o objeto

existir. A partir desta definição e do que foi mencionado anteriormente pode-se dizer que o atrativo turístico sozinho não é sinônimo de lugar turístico. Este envolve outros fatores e ações para o seu desenvolvimento que fazem com que o lugar não somente possa ser considerado turístico, mas que essa atividade resulte em impactos para o lugar. Assim, conforme Santos (1996, p. 102), “deve-se considerar, igualmente, as “condições”, as “circunstâncias”, o meio histórico, que é também meio geográfico, pois não podem ser reduzidos à lógica universal”.

Na verdade, o que observamos, ainda que a literatura não tenha discutido ou mesmo tenha discutido pouquíssimo, quiçá porque não seja interessante para as partes envolvidas, é que não são todos os destinos turísticos “lugares luminosos”. Fala-se muito que o turismo movimentava milhares de pessoas e um grande volume de capital. Nesse sentido acreditamos que ocorre um equívoco por parte tanto dos estudiosos como das partes interessadas e porque não dizer também, da própria população no geral. Essa afirmação se fundamenta na simples observação de muitos dos denominados “destinos turísticos”. Na verdade, o discurso se reduz a interesses de grupos e que, na maioria das vezes, mitifica a realidade, exemplo disso são as inúmeras secretarias de turismo existentes em muitos municípios brasileiros quando na realidade deveria, pelo menos, denominar-se de secretaria de esporte e lazer.

Há ainda que considerar o tipo de turismo que é definido a partir do atrativo ou atrativos. Na nossa área objeto de estudo, como visto, o atrativo principal, ou seja, as pegadas de dinossauros enquadra-se, segundo a literatura, no denominado turismo científico, ecológico ou cultural. Trata-se do turismo pós-fordista que caracteriza-se, entre outros aspectos, por reduzido número de adeptos se comparado com o turismo fordista ou de massa.

3.3-A Atividade Turística e sua Importância para o Desenvolvimento Local

O turismo para o seu desenvolvimento apropria-se do espaço, passando a atribuir-lhe valor e possíveis transformações para que o turismo possa se desenvolver

promovendo também o desenvolvimento sócio-espacial. Nessa perspectiva Almeida (2004, p.01), afirma que:

O espaço geográfico constitui o principal objeto de consumo do turismo. Há uma forma de apropriação e de funcionalização dos espaços por esta atividade que nos permite falar do lugar turístico como uma invenção para e pelo turismo. O lugar turístico existe em função da prática do turismo que lhe dá uma existência, uma identidade própria e singular.

O espaço do turismo, de acordo com a autora, passa a ser transformado para atender as necessidades impostas pela atividade turística, e dessa forma ele passa a existir em função dessa prática que lhe atribui valor. Para torna-se propício para essa atividade o espaço é transformado, algumas vezes tornando-se artificial. Como afirma Santos (1996, p.51), “o espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes”. Essas transformações são importantes, pois através delas pode-se obter o desenvolvimento de determinadas regiões, ou seja, o desenvolvimento turístico seria um fator de desenvolvimento local (ALMEIDA2004).

Assim, o turismo é visto como uma importante ferramenta para o desenvolvimento local das regiões ditas como propícias para o turismo, sendo capaz de contribuir para o desenvolvimento social e econômico dessas regiões. Para tanto torna-se necessário nesse processo a articulação de outros atores sociais. Como afirma Sponchiado (2009, p.01):

O turismo, enquanto atividade multidisciplinar deve articular os atores sociais sejam eles públicos privados e não governamentais, colaborando para organizar a atividade turística no município transformando-o em sujeito coletivo de desenvolvimento local e regional, e que possa interferir na melhoria de condições de vida, diversificação de renda e geração de emprego.

Para o autor se bem planejado o turismo é capaz promover o desenvolvimento de uma região, porém para que isso aconteça torna-se necessário a colaboração de outros órgãos, para que em conjunto possam contribuir para o desenvolvimento local e regional.

Nessa mesma perspectiva Paiva (1995, p.28), afirma que dentre os benefícios que o turismo pode levar para os lugares ditos como turístico os mais destacados são:

- a receita gerada e a rápida repercussão em outros setores econômicos (efeito multiplicador);
- a tendência de expansão do mercado quanto às modificações nas relações de trabalho- tempo e disponibilidade financeira para o lazer;
- a ilimitação do potencial de vendas do “produto turístico” já que se compõe de serviços e bens intangíveis (clima, beleza natural etc.), dependendo apenas de promoção e,
- capacidade de gerar empregos.

No referente à capacidade de gerar empregos, especificamente, de acordo com a Organização Mundial do Turismo – OMT (2001), os tipos de empregos gerados pelo turismo se classificam de três formas: direto: resultado dos gastos dos visitantes em instalações turísticas; indireto, ainda no setor turístico, mas não como resultado direto dos gastos turísticos e, induzido, ou seja, como resultado dos gastos dos moradores devido às entradas procedentes do turismo. Como afirma Rodrigues (1999, p. 98),

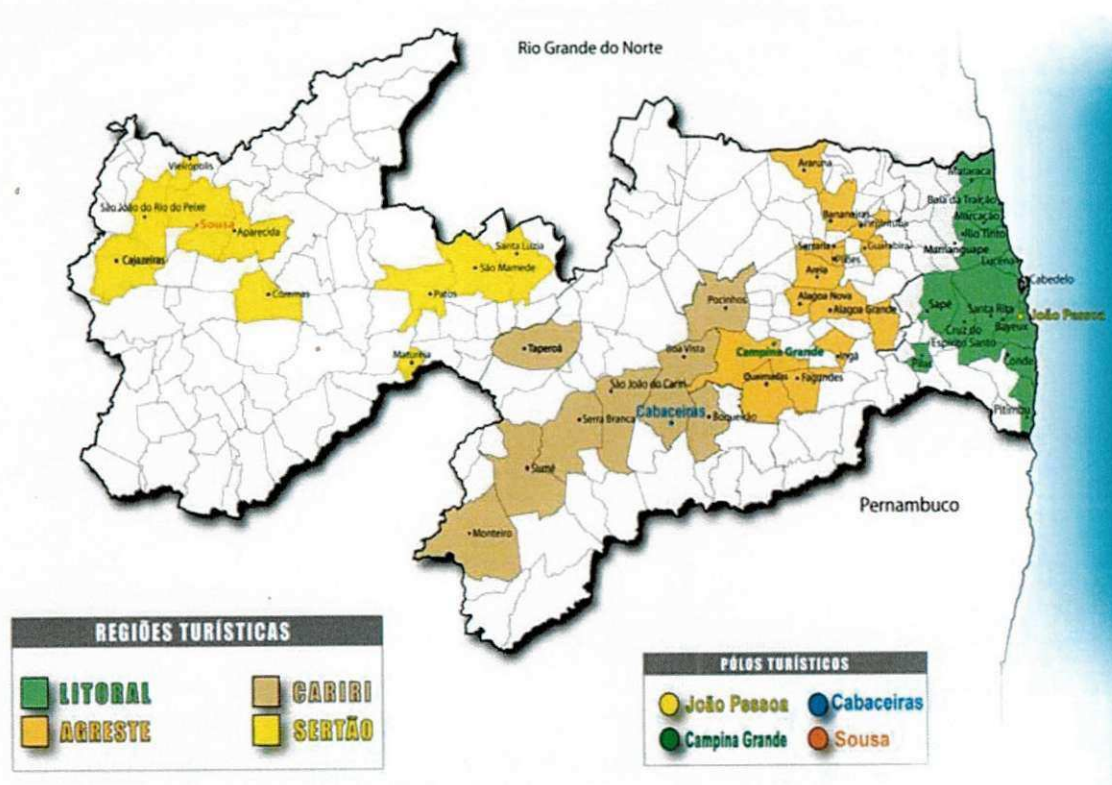
O desenvolvimento local assenta na revitalização e diversificação da economia, capaz de fixar atrair população, de ocupar a população potencialmente ativa, com êxito econômico, profissional e social, de valorizar produções, de renovar as habitações e as aldeias, de assegurar melhores condições de vida [...].

Como ressalta a autora o desenvolvimento local dos lugares ditos promissores para o turismo pode trazer inúmeros benefícios para a população local desses lugares, a atividade turística pode e é capaz de trazer melhorias, para a comunidade local, seja através da geração de empregos, seja através da valorização da mão-de-obra local

CAPÍTULO 04 - O Denominado “Monumento Natural Vale Dos Dinossauros” como Destino Turístico

Na Paraíba destacam-se quatro regiões turísticas. São elas: Litoral, Agreste, Cariri e Sertão tendo como municípios pólo as cidades de João Pessoa, Campina Grande, Cabaceiras e Sousa, respectivamente (ver figura 02). No Sertão destaca-se o encontro com a pré-história, segundo Andrade (2007, p.61), o município de Sousa onde está localizado o “Monumento Natural Vale dos Dinossauros”, foco da nossa pesquisa, destaca-se na região. Na formação Sousa segundo Carvalho e Leonardi (1992), foram identificados treze sítios, são eles: Barragem do Domício, Engenho Novo, Juazeirinho, Matadouro, Pedregulho, Piau-Caiçara, Piedade, Passagem das Pedras, Piau II, Poço da Volta, Sítio Saguim, Várzea dos Ramos e Zoador.

FIGURA 02
Regiões Turísticas da Paraíba e Seus Municípios



Fonte: ANDRADE, Davi Alisson da Cruz, 2007.

4.1- Os Atrativos Turísticos

Como colocado anteriormente, o termo atrativo está definido como algo que tem o poder de atrair, que encanta. Em nossa área objeto de estudo, os atrativos turísticos estão representados pelo conjunto de pegadas de dinossauros que um dia, segundo os estudiosos, habitaram a região, pelo museu e por uma réplica de dinossauro (ver fotos 01, 02 e 03).



Foto 01 - Pegadas de Dinossauros (Fotografia da Autora/ abril de 2012).



Foto 02 - Museu do Monumento Natural Vale dos Dinossauros (Fotografia da Autora/junho de 2013).

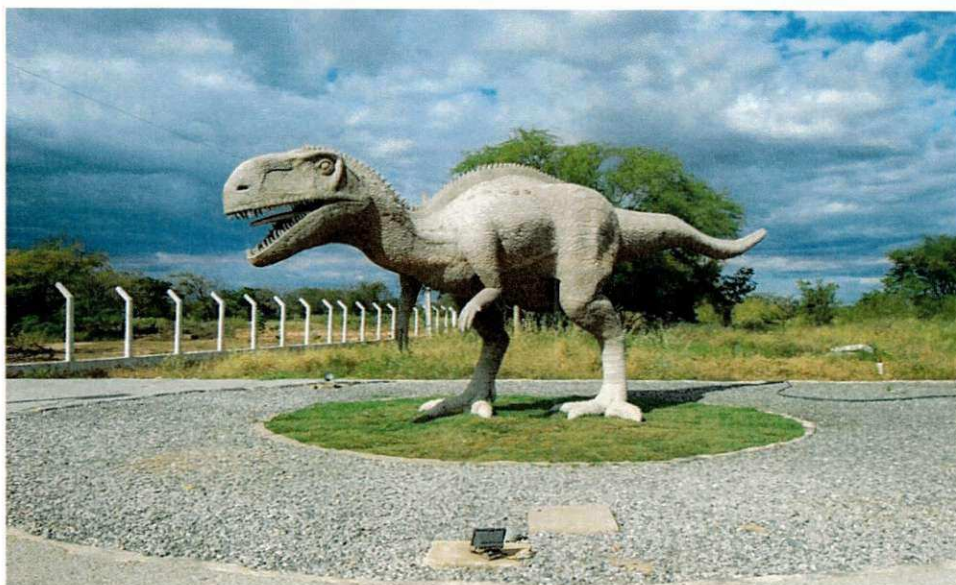


Foto 03 - Réplica de Dinossauro (Fotografia da Autora/junho de 2013).

As pegadas representam o atrativo principal da área. Como colocado anteriormente, essas estão distribuídas em uma área de 40 hectares, sendo as existentes no sítio “Passagem das Pedras”, as mais conhecidas e representativas até o momento. Na área de incidência existem três passarelas de observação (mirantes). Nestas o visitante poderá contemplá-las à distância (ver fotos 04 e 05).



Foto 04 - Passarela de observação das pegadas (Fotografia da Autora/ abril de 2012).

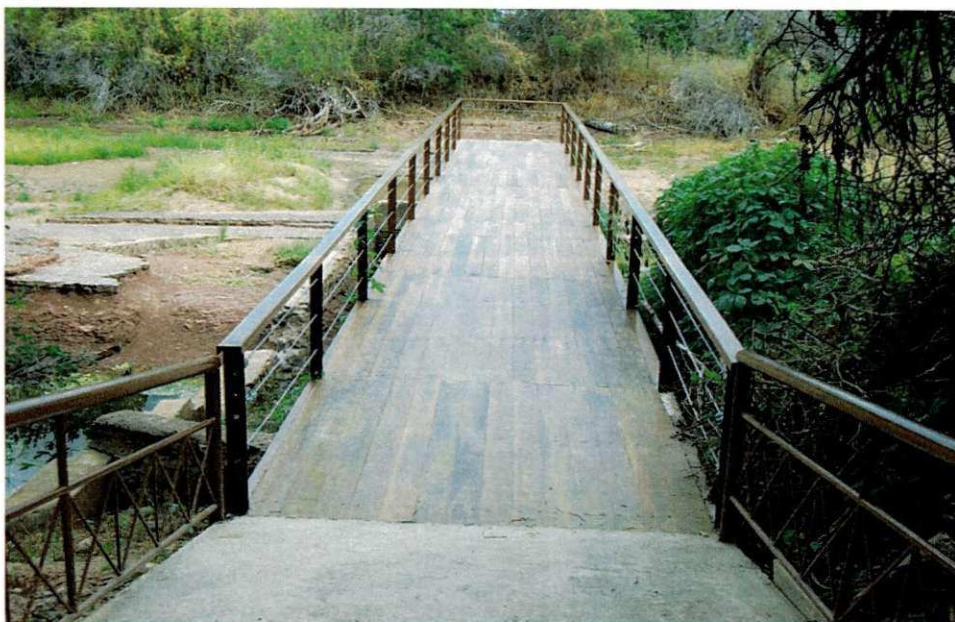


Foto 05 – Passarela de observação das pegadas (Fotografia da Autora/ abril de2012).

O Museu é um local com exposições permanentes, sempre ligadas ao tema dinossauros. No interior o visitante encontra um salão com aproximadamente 120 metros² de área. Nas paredes encontram-se painéis com textos informativos relacionado aos pesquisadores responsáveis pela descoberta e divulgação da área, bem como à temática (ver fotos 06 e 07).

Possui um jardim temático com espécies vegetais que supostamente ocorriam na região e simulação de um ambiente (ninho) de reprodução (ver foto 08). Também conta com várias reproduções/quadros com imagens de dinossauros distribuídas na parte central do salão e bancadas onde estão expostos troncos fossilizados e fragmentos de rocha com icnofósseis (ver fotos 09 e 10).

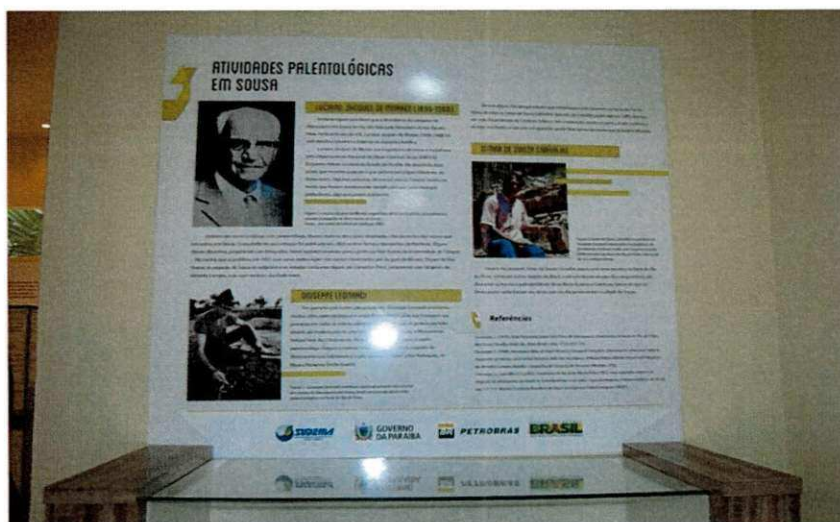


Foto 06 - Interior do Museu – Painel informativo (Fotografia da Autora, junho de 2013).

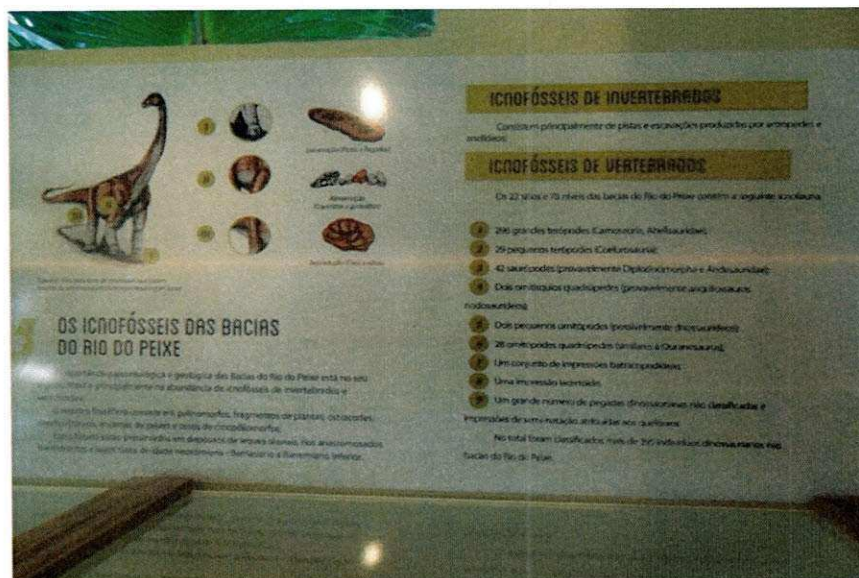


Foto 07 - Interior do Museu – Painel informativo (Fotografia da Autora, junho de 2013).



Foto 08 - Interior do Museu – Jardim temático - recriação de ambientes de reprodução (Fotografia da Autora, junho de 2013).



Foto 09 - Interior do Museu – Imagens de várias espécies de dinossauros e bancadas com fragmentos de rocha com icnofósseis (Fotografia da Autora/junho de 2013).



Foto 10 - Interior do Museu – Tronco fossilizado (Fotografia da Autora/junho de 2013).

A réplica de dinossauro encontra-se na área externa logo após o portão principal, em frente ao museu. Ainda que não se trate de uma reprodução fiel, sobretudo considerando os estudos existentes, a idéia de reproduzir uma réplica, além de simular e recriar o ambiente original acrescenta mais um atrativo para o lugar.

Observa-se que houve uma preocupação por parte dos órgãos responsáveis pela revitalização da área. A idéia de criar um espaço que não só reproduzisse o ambiente relacionado com a temática, como é o caso da réplica de dinossauro e dos painéis/quadros, mas também que permitisse ao visitante um conhecimento mínimo do contexto relacionado ao ambiente onde essas espécies viviam, representa não somente um acréscimo nos atrativos do lugar. Esses permitem uma maior diversificação do público visitante.

Entretanto, como visto anteriormente, o turismo não se resume apenas ao atrativo, é necessário também infraestrutura e serviços. Como ressalta Torres e Silvério (2009, p.177),

O Turismo cria significados para o espaço, com o objetivo de atrair os turistas, mas não transforma o espaço sozinho ele depende de um conjunto de relações que envolvem outros setores e outras atividades para se desenvolver. É possível dizer que o Turismo se apropria de elementos contidos no espaço e lhe atribui um valor que será transformando em produto turístico [...]

Como colocado anteriormente, quando falamos em atrativo turístico o que nos vem à mente não é somente algo que atrai, que desperta o interesse. Assim, alguns autores quando o relaciona com o turismo afirmam que não se pode pensar no atrativo de forma isolada, pois como consta na literatura, a sua definição agrega ou inclui muito mais do que algo que motiva as pessoas a se deslocarem de seu lugar de origem com o propósito de conhecer outros lugares ou acontecimentos que despertem o interesse para o turismo.

Como considera Carvalho (2007) citado por Tavares (2002, p.26 -69) “os atrativos turísticos referem-se a tudo o que atrai, estimula e incentiva o turista a realizar a visitação. Atrativos podem estar relacionados a diversos aspectos da localidade visitada, como a história, cultura, geografia, meio ambiente entre outros aspectos”. Ainda que os autores nas definições acima não sejam explícitos, podemos considerar ou pelo menos supor que quando o mesmo coloca “outros aspectos”, subentende-se que esteja se referindo a infraestrutura, serviços, etc.

Também vimos outros posicionamentos como o de Beni (2006, p.160) que concebe o atrativo como um dos principais fatores do sistema turístico, pois, segundo o autor, sem os atrativos, seria inútil o desenvolvimento dos outros serviços turísticos, já que é o atrativo o grande causador motivacional das viagens. Nesse sentido, coloca como atrativo todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse turístico que motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-lo. Nessa definição, o autor considera a importância do atrativo, ou seja, sua capacidade de atrair. Nesse sentido é interessante que não esqueçamos que os atrativos não possuem a mesma capacidade de atração. Um atrativo que desperta ou estimula um reduzido número de turista defini-se como pouco interessante para o lugar.

Por outro lado, quando coloca o atrativo como um dos principais fatores do sistema turístico, mais uma vez, acreditamos que o mesmo comete outro equívoco ou está sendo contraditório já que como visto no capítulo 03 o mesmo considera toda a infraestrutura e serviços também como atrativos. Santos (1996, p. 38) considera que “apenas o valor relativo é valor. E o valor relativo só é identificado no interior de um

sistema da realidade, e de um sistema de referências elaborados para entendê-la. Isto é para arrancar os fatos isolados da sua solidão e seu mutismo”. Do exposto, entende-se que o atrativo, e nesse caso específico o atrativo turístico, somente poderá ser considerado numa perspectiva de conjunto, ou seja, dentro de um sistema. Isolado, ou mesmo, existindo de forma precária, esse reduz o seu poder de atração o que não é interessante para o destino turístico. Apesar da falta de consenso e ainda que exista um grande número de definições, estes são unânimes ao considerar que o atrativo turístico, por si só, não possui força para desenvolver o turismo.

4.2 – A Infraestrutura Turística

De acordo com o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (2004, p.615) o termo demanda pode ser definida como: “quantidade de mercadorias ou serviço que um consumidor ou conjunto de consumidores está disposto a comprar, a determinado preço; em busca; a procura”. Assim, a demanda turística refere-se a tudo aquilo que faz com que o turista permaneça por um determinado período no lugar e consuma alguns serviços se ali forem oferecidos, claro levando-se em conta, alguns fatores tais como: a situação econômica do visitante, o gosto, e principalmente os produtos oferecidos. Segundo Beni (2006, p.225), “as pessoas que se deslocam temporariamente de sua residência habitual, com propósito recreativo ou por outras necessidades e razões, demandam a prestação de alguns serviços básicos.

Para que o turista chegue ao lugar desejado são demandados vários fatores, dentre eles os meios de transporte, que podemos dizer que é um fator importante, pois ele pode definir o destino em muitos casos como também o meio mais viável de chegar até ele. Assim como os meios de transportes está envolvido também uma vasta lista que pode influenciar diretamente na ida e permanência do turista no destino turístico. Como considera Beni (2006, p.225),

Assim, em termos bem gerais, tem-se que a demanda em Turismo é uma compósita de bens e serviços, e não demanda de simples elementos ou de serviços específicos isoladamente considerados; em suma são demandados bens e serviços que se complementam entre si.

Dessa forma pode-se dizer que muitos fatores contribuem para a demanda turística, ou seja, eles não funcionam isoladamente, um depende do outro. Entre esses fatores não podemos esquecer dos preços de bens e serviços oferecidos ao turista. Como enfatiza Martins (1991, p.39) ao referir-se a oferta turística, por exemplo, faz a seguinte consideração: “a oferta turística é importante, pois é em função de uma oferta atrativa e de um bom trabalho de marketing que se poderá obter uma boa taxa de ocupação” [...].

Assim, é necessário que os lugares ditos promissores para o turismo invistam em infraestrutura. Como acentua Trigo (2003, p.105), “as infra-estruturas são importantes elementos do espaço do turismo” [...], para que possa atrair o turista, não basta somente existir o atrativo. É preciso que haja cenário propício para a prática turística, que possa fazer com que ele desfrute do lugar e leve consigo as melhores impressões possíveis.

Segundo Beni (2006), considera-se como infraestrutura o conjunto de estabelecimentos de apoio ao turista, os quais dão suporte à atividade turística através do atendimento de forma direta ao visitante. O autor considera os meios de hospedagem, bares e restaurantes, agenciamento turístico, lazer, compras e entretenimento, denominados como serviços urbanos, além da infra-estrutura básica – saúde, segurança, comunicação, etc. O Autor também destaca a importância dos serviços urbanos por ele definido como “todos aqueles serviços que competem às atividades-fins do setor público, ou seja, de competência da administração municipal, indispensável igualmente a qualidade de vida e todo empreendimento habitacional ou empresarial que venha a ser implantado (BENI 2006, p.136)”.

Desta forma cabe ao setor municipal de cada cidade procurar investir em infraestrutura urbana dê suporte para o turismo, reorganizando-se para produzir paisagens atrativas para que o turismo seja desenvolvido, visto que a qualidade do espaço urbano desperta forte influência sobre a atração turística. Isso porque o turista procura as melhores condições de estadia e lazer ao sair de sua casa, ou seja, ele procura sair do cotidiano. Como afirma Rocha (2003, p.380) “tratando-se da atividade turística os aspectos referentes à infraestrutura urbana representam um importante elemento a considerar.”

A atividade turística necessita de infraestrutura básica para o seu funcionamento, pois segundo Silva e Santos (2004, p.03),

Considerando que o turismo necessita de infraestrutura básica para o seu pleno funcionamento, os espaços receptores prescindem de serviços urbanos como, por exemplo, rede de energia elétrica, rede de abastecimento de água, redes coletoras de esgotos sanitários, drenagem pluvial, pavimentos urbanos, telefonia fixa, coleta de lixo, limpeza urbana, transporte de passageiros, segurança pública, entre outros.

Esses são os fatores responsáveis pelo desenvolvimento turístico, ou seja, aqueles equipamentos de apoio ao turismo, que inclui o conjunto dos estabelecimentos e serviços que dão suporte à atividade turística através do atendimento direto ao visitante, dentre eles o mais importante é a infraestrutura. Todos esses elementos são necessários para que possam ser atendidas as necessidades do visitante, isso porque o visitante utiliza os serviços disponíveis para a população local, daí a importância de investir em infraestrutura adequada.

Nesse sentido Rodrigues (1999, p.43), ao tratar a relação entre turismo e produção do espaço urbano, considera que é na cidade que “se manifesta a forma mais acentuada de consumo do espaço, pois é nela que o homem cria espaços que funcionam como atrativo turístico, incluindo aí os parques urbanos que contribuem, por sua vez, com a qualidade ambiental urbana da cidade a ser visitada.

No que se refere à infraestrutura (oferta de equipamentos e serviços), Oliveira (2003, p.275), faz a seguinte consideração:

Como toda atividade econômica, o turismo é capaz de pensar produtos de qualidade, que atendam as necessidades de seus clientes. Para isso é preciso construir uma boa imagem do produto, observando quais as suas deficiências e determinando quais mudanças são necessárias e como fazê-las para ter um produto compatível com o esperado por seus consumidores, tornando-o competitivo diante de seus concorrentes.

Como visto, o “Sítio Passagem das Pedras” foi tombado como “Monumento Natural” em dezembro de 1992. Em 1999 houve a desapropriação através de um convênio firmado entre o Governo do Estado, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e o

Ministério do Meio Ambiente. Neste mesmo ano foram feitos os primeiros investimentos na infraestrutura da área visando o desenvolvimento do turismo na região.

Inicialmente foi construído um canal de alívio da vazão do rio do Peixe, com uma extensão de 621 metros, que permitiu proteger as pegadas no período chuvoso sem alterar as características originais do rio e da área, ou seja, as mudanças realizadas não interferiram no cenário, pois foram feitas apenas visando à proteção das pegadas contra a ação erosiva do rio (ver foto 11).



Foto 11 – Canal de alívio (Fotografia da Autora/junho de 2013).

Foram também construídas duas pontes que dão acesso a área onde encontram-se as pegadas e três passarelas para observação as quais têm como objetivo evitar o contato direto dos visitantes com as mesmas. Também foi construído o centro de visitação ou Museu com uma área de 222 m². Nesse espaço também foram construídos dois quiosques. Toda essa infraestrutura, incluindo o canal de vazão, foi concluída ainda no mesmo Com a conclusão das obras no ano de 1999 o “Monumento Natural Vale dos Dinossauros” só veio a passar por um processo de revitalização no ano de 2012. Ao longo de mais de uma década, tudo indica que o mesmo foi sendo desconsiderado pelo poder público. As imagens mostram que a área passou por um período de completo abandono (ver fotos 12, 13, 14, 15,16 e 17).



Foto 12 – Fachada do Museu (Fotografia da Autora/abril de 2012).

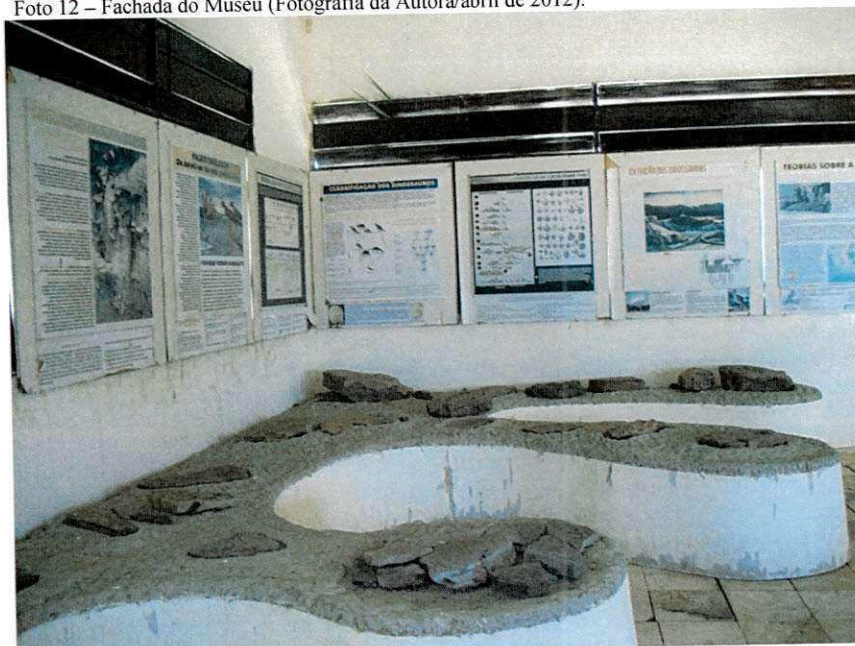


Foto 13 - Interior do Museu (Fotografia da Autora/ abril de 2012).



Foto 14 - Interior do Museu (Fotografia da Autora/ abril de 2012).



Foto 15 - Interior do Museu (Fotografia da Autora/ abril de 2012).



Foto 16 - Réplica de Dinossauro (Fotografia da Autora/abril de 2012).



Foto 17 - Ponte sobre o canal de alívio (Fotografia da Autora/ abril de 2012).

No final do primeiro semestre de 2012 o “Monumento Natural Vale Dos Dinossauros” passou por uma reforma que foi concluída em maio de 2013. Os investimentos foram de 1,2 milhões e o projeto de revitalização foi coordenado pela Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) e surgiu por meio de convênio celebrado com a Petrobrás. As obras foram executadas pela Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado da Paraíba (Suplan).

O projeto teve como objetivo revitalizar a infraestrutura da área o que incluiu: o centro de visitação (museu), tanto a fachada externa como o seu interior incluindo o jardim, os painéis e imagens temáticas, a casa de apoio ao pesquisador, os quiosques, as pontes e passarelas, as réplicas de dinossauros, reforma do auditório, recuperação do portal de entrada, aquisição de móveis e equipamentos. Também contemplou todos os aspectos referentes à área para estacionamento, incluindo espaços reservados para portadores de necessidades especiais.

A revitalização abrangeu ainda ações de capacitação para a população nas áreas de paleontologia e identificação de pegadas de dinossauros, e visou promover o desenvolvimento social da região de Sousa através do fortalecimento do artesanato local com o intuito de gerar no município maior oferta de produtos relacionados à temática, qualificação do serviço de monitoria das atividades de visitação e promoção de oportunidades de trabalho por meio de prestação de serviços na unidade de conservação.

Também foram revestidos em cimento os “caminhos” que dão acesso às pegadas bem como delimitadas e pavimentadas as áreas para estacionamento segundo o tipo de veículo e público. A sinalização turística também representa outro aspecto considerado na reforma. Esta indica, em dois idiomas, as áreas reservadas para estacionamento, o que inclui àquelas para pessoas com necessidades especiais, as áreas onde localizam-se os quiosques, os caminhos que dão acesso as pegadas, entre outros (ver fotos 18 a 27)⁴.

⁴ Para ver as imagens do Museu e do seu interior, bem como da réplica de dinossauro após a reforma favor ir para o item 4.1.



Foto 18 – Acesso principal ao Monumento Natural Vale dos Dinossauros (Fotografia da Autora/junho de 2013).



Foto 19 – Ponte sobre o canal de alívio que dá acesso à área onde encontram-se as pegadas fossilizadas (Fotografia da Autora/junho de 2013).



Foto 20 – Ponte sobre o rio Peixe (Fotografia da Autora/junho de 2013).



Foto 21 – Acesso as pegadas, aos quiosques e a casa de apoio ao pesquisador (Fotografia da Autora/junho de 2013).

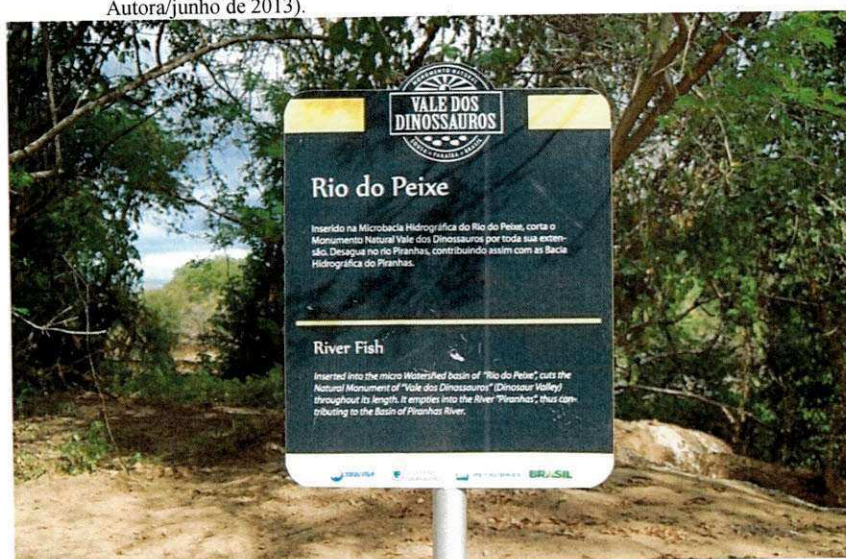


Foto 22 – Sinalização turística (Fotografia da Autora/junho de 2013).



Foto 23 – Sinalização turística (Fotografia da Autora/junho de 2013).

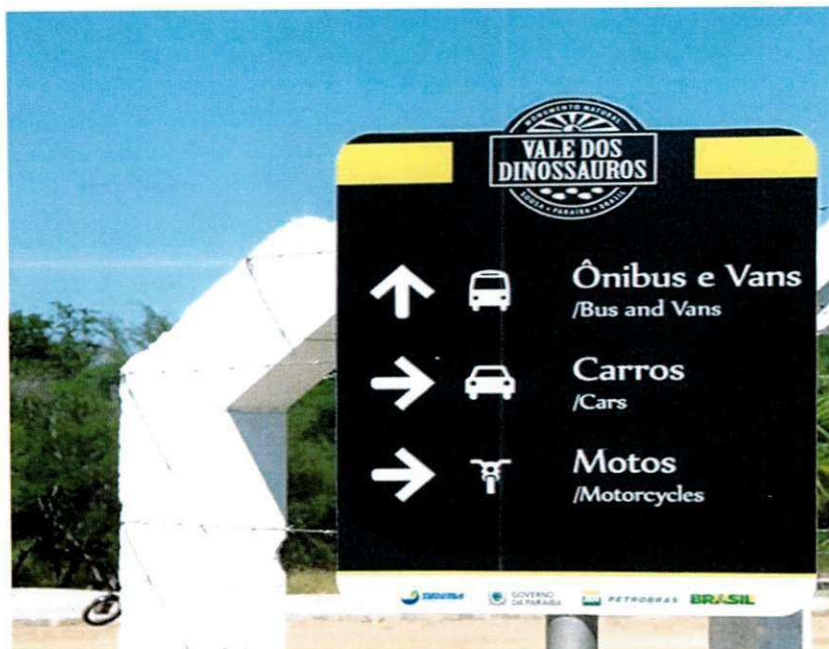


Foto 24 – Sinalização turística/estacionamentos (Fotografia da Autora/junho de 2013).



Foto 25 – Sinalização turística (Fotografia da Autora/junho de 2013).



Foto 26 - Quiosques localizados em frente ao museu (Fotografia da Autora/junho de 2013).



Foto 27 – Área para estacionamento, calçadas e rampas adaptadas para pessoas com necessidades especiais (Fotografia da Autora/junho de 2013).

4.3 O “Turista” que Visita o Denominado “Monumento Natural Vale Dos Dinossauros”

Como visto no capítulo 02, o município de Sousa, área onde está localizado o denominado “Monumento Natural Vale Dos Dinossauros” está definido como um dos quatro pólos turísticos do Estado, sendo este o representante da região turística do Sertão paraibano. No que se refere ao definido pólo Turístico de Sousa, seguramente, o denominado “Monumento Natural Vale Dos Dinossauros” destaca-se na região. O quadro 06 apresenta a média anual e mensal de turistas que visitaram o “Monumento Natural Vale Dos Dinossauros” nos últimos cinco anos.

Considerando os desembarques internacionais e domésticos, conforme visto no capítulo 02, a nível de Estado observa-se que a Paraíba, com pouco mais de 4% recebe um número pouco expressivo de visitantes. O quadro abaixo relaciona o número de “turistas” que visitaram o “Monumento Natural Vale Dos Dinossauros” nos últimos cinco anos, desconsiderando a procedência. Como pode ser visto em 2011, últimos dados disponíveis, apenas 22. 440 pessoas visitaram a área o que representa menos de 0,5% do total de desembarques registrados nos aeroportos da região, considerando-se tanto os nacional como internacional. Apesar de registrar-se um sensível aumento a cada ano, pode-se observar que não houve muita diferença entre as médias anuais.

QUADRO 06
Monumento Natural Vale dos Dinossauros
Número de Visitantes, Média Anual e Mensal
2007-2011

Ano	Nº de Visitantes (Ano)	Nº de Visitantes (Mês)
2007	18.000	1.500
2008	19.200	1.600
2009	19.800	1.650
2010	21.600	1.800
2011	22.440	1.870

Fonte: Informação fornecida pelo Diretor do
 “Monumento Natural Vale dos Dinossauros”.

Ao analisarmos o quadro seis não podemos esquecer de mencionar o número de turistas que visitam o Estado anualmente. Conforme visto anteriormente os dados dos desembarques nos aeroportos para o ano de 2011 mostram a seguinte realidade: o Brasil recebeu em torno de 5,4 milhões de visitantes estrangeiros e registrou-se quase oitenta milhões de desembarques nacionais. No referente ao desembarque de turistas estrangeiros, infelizmente, esses dados estão disponíveis apenas para os principais estados que recebem turistas estrangeiros. Assim, dos nove estados da região nordeste apenas Bahia, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte constam no Anuário Estatístico da Embratur. Segundo esse órgão esses foram responsáveis por apenas 7,13% do total de desembarques de estrangeiros.

Já no referente aos desembarques nacionais, dos quase oitenta milhões de desembarques, a região nordeste, com 18,96% do total, foi a segunda que registrou maior número de desembarques. Nesse contexto a Paraíba, com 4,05%, é o sétimo estado da região em desembarques nacional, perdendo apenas para os estados de Sergipe e Piauí. Vale salientar que Bahia, Pernambuco e Ceará são responsáveis por quase 70% do total de desembarques nacionais da região.

Se compararmos os números acima com os números de “turistas” que o denominado “Monumento Natural Vale dos Dinossauros” recebe anualmente, podemos dizer que o mesmo, apesar de vários fatores que influenciam negativamente para o desenvolvimento da atividade turística em nossa área objeto de estudo, como por exemplo, a localização geográfica, podemos considerar que o mesmo recebe um número razoável de visitantes, principalmente se levarmos em consideração o número de turistas que visitam o

Estado. A isso se soma o fato de se tratar de um segmento onde o número de adeptos normalmente é mais reduzido.

Quanto à acessibilidade é sabido que os meios de transportes são elementos fundamentais de viabilização dos pontos turísticos. Esses se apresentam sem dúvidas como fatores que influenciam quando o turista decide por conhecer um lugar. Nesse sentido Beni (2006, p.214), ressalta que “a qualidade da experiência do transporte torna-se um importante aspecto de experiência turística e, portanto, um critério-chave na escolha da destinação. Um serviço de má qualidade pode afetar seriamente a percepção de um viajante e seus níveis de prazer com relação à viagem.

QUADRO 07
Monumento Natural Vale dos Dinossauros – Sousa – PB
Procedência dos Visitantes
2007-2011

Ano	Próprio Estado	Outros Estados	Outros Países
2007	4.000	13.100	900
2008	4.200	14.150	850
2009	3.000	15.890	910
2010	5.000	15.800	800
2011	5.440	16.280	720
TOTAL	21.640	75.220	4.180

Fonte: Fonte: Informação fornecida pelo Diretor do “Monumento Natural Vale dos Dinossauros”.

No que se refere à procedência dos visitantes, como pode ser visto no quadro acima o número de visitantes de outros estados representa 72,5% enquanto que os do próprio estado somam 24% contra apenas 3,20% de outros países. Segundo informação verbal são os estados do Rio Grande do Norte e Ceará os principais emissores. Como afirmado anteriormente, trata-se do denominado turismo cultural onde os adeptos são bem mais reduzidos que o turismo de massa por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância turística do denominado “Monumento Natural Vale dos Dinossauros” pode ser identificada primeiramente pelo fato da área ter sido definida como uma das sete unidades de conservação do bioma da caatinga (UC’s) no estado da Paraíba, e denominada como “Área de Relevante Interesse Ecológico Vale dos Dinossauros”, criada pelo poder público enquanto espaço especialmente protegido tendo respaldo na Constituição Federal – artigo 225, parágrafo 1º, inciso III -, na Lei 6.938 de 31/08/1981 que dispõe da política nacional de meio ambiente.

A área ainda é objeto da Lei 9.985 de 17/07/2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) regulamentado pelo Decreto 4.340 de 22/08/2002. Segundo esta Lei cabe as UC’S a manutenção de serviços ambientais fundamentais para a sociedade. No caso específico do Monumento Natural Vale dos Dinossauros o texto destaca que trata-se de uma área destinada à recreação, turismo e espaços de contemplação promovendo qualidade de vida.

Outro aspecto que a coloca ou a define como importante turisticamente se refere aos atrativos, ou seja, aos icnofósseis ou “pegadas de dinossauros” que segundo estudiosos um dia habitaram a região, o Museu que abriga no seu interior vários painéis e imagens sobre a temática bem como uma réplica de dinossauros.

Um terceiro aspecto a considerar se refere ao tipo de turismo que segundo a classificação da Embratur, a área se define como de turismo científico, ecológico ou cultural. Como consta na literatura esse tipo de turismo não se define por um grande número de adeptos se comparado a outros tipos de turismo, como por exemplo, o turismo “sol e mar”. De todas as formas e considerando-se o tipo de turismo da nossa área objeto de estudo observa-se que essa recebe um número considerável de visitantes.

Por outro lado, cabe ressaltar que a ausência de uma política austera para o setor turismo, não somente para a área objeto de estudo, mas a nível de Estado, contribui significativamente para que o “Monumento Natural Vale Dos Dinossauros” não se destaque como um importante destino turístico no sentido de resultar em mudanças, transformações para a região. Basta lembrar que o mesmo passou vários anos abandonado e mesmo assim, como visto anteriormente, registrou-se um número significativo de visitantes.

Por fim, e entendendo que a importância do turismo deve ser considerada a partir do momento em que este traga benefícios para o lugar, a pesquisa permitiu constatar que de forma isolada o denominado “Monumento Natural Vale Dos Dinossauros”, mesmo com a sua importância cultural, científica e ecológica, não apresenta as condições mínimas para que o turismo se desenvolva na região. Por outro lado, constata-se que a região possui um grande potencial turístico revelado nos próprios recursos naturais da região. Ainda que as autoridades não tenham “percebido”, a área se encontra no denominado bioma da caatinga, único existente no planeta. Nesse, as possibilidades de transformação em um importante destino turístico está traduzido no seu meio geográfico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Desenvolvimento Turístico ou Desenvolvimento Local? Algumas Reflexões.** Curitiba Paraná, 2004. Disponível em: <http://www.ufg.br/Almeida_maria_geralda_desenvolvimento_turistico>. Acesso em: 18 de mai. De 2012.

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Panorama da Geografia: A produção do ser e do lugar turístico.** In: SILVA, José Borzacchiello (Org) et al. São Paulo: Annablume, 2006.

ANDRADE, Dave Alisson da Cruz. **A (IN) Sustentabilidade do Turismo no Sertão da Paraíba: o município de Coremas, “a terra das águas”, em análise.** João Pessoa-Paraíba, 2007.

BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo.** 6º ed. São Paulo: SENAC, 2006.

BOLETIM INFORMATIVO DA SOCIEDADE PARAIBANA DE ARQUEOLOGIA, 2009. Disponível em: <<http://www.arqueologiadaparaiba.blogpot.com>>. Acesso em 02 de mar. de 2012.

BOULLON, R. C. **Planejamento do espaço turístico.** Tradução de Josely Vianna Baptista. Bauru: SP: EDUSC, 2002.

Carvalho, I. S.; Leonardi, G. **Geologia das bacias de Pombal, Sousa, Uiraúna-Brejo das Freiras e Vertentes (Nordeste do Brasil).** An. Acad. bras. Ci., v.64, nº3, (p. 231-252), 1992.

CARVALHO, Michelle de Oliveira; TAVARES, Adriana de Menezes. **A Acessibilidade para Cadeirantes nos Atrativos Turísticos Culturais do Centro de Porto Alegre: Considerações Sobre um Roteiro.** Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://ged.feevale.br/bibvirtual/Monografia/MonografiaMicheleHoller.pdf>>. Acesso em 01 de maio. 2011.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes T. **Espaço, Poder e Turismo: Novas Configurações Geográficas.** Fortaleza, 2003.

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de Turismo e Território.** São Paulo: Contexto, 2000.

EMBRATUR. Instituto Brasileiro de Turismo. Ministério do Turismo. **Glossário de Turismo**. Disponível em: <<http://www.braziltour.com/site/br/dados-fatos.>> Acesso em: 20 de mai. 2012

ELIAS, Denise. ROCHA. Adriana Martins. **O novo espaço da produção globalizada**. [et al]. Fortaleza: FUNECE, 2002.

ENDES, Ana Valéria; OLIVEIRA, Laís Catarine de. **O planejamento do turismo sustentável em Sousa-PB: O vale dos dinossauros e a questão da participação**, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio língua portuguesa**. Ed. Curitiba: Positivo: , 2004.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de monografia, dissertação e tese**. 2º ed. rev. e atualizada. São Paulo: Avercamp, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). IBGE cidades. Disponível em:< <http://www.ibge.gov.br/cidades>> .Acesso em 21 fev. 2012.

KRIPPENDOF, Jost. **Sociologia do turismo: Para Uma Nova Compreensão do Lazer e das Viagens**. 3º ed. São Paulo: Aleph, 2000.

LEONARDI,G.; CARVALHO, I.S. 2000. **As Pegadas de dinossauros das bacias Rio do Peixe/ Giuseppe Leonardi; Ismar de Sousa Carvalho. - PB. In: Schobbenhaus,C.; Campos,D.A.; Queiroz,E.T.; Winge,M.; Berbert-Born,M. (Edit.) Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil.. Disponível em: <<http://www.unb.br/ig/sigep/sitio026/sitio026.htm>> Acesso em: 10 abr. 2013**

MARTINS, Ângelo Antônio Cavalcante. **Turismo Nas Alagoas: Uma Alternativa Econômica**. Maceió, SERGASA, 1991.

OLIVEIRA, L. C. de. **Monumento Natural Vale dos Dinossauros: uma análise do desenvolvimento turístico sustentável para Sousa- Pb**. 2003. Monografia (Conclusão do curso de Bacharel em Turismo) Universidade federal da Paraíba. João Pessoa, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT), 1994. Disponível em: <<http://www.unwto.org/es/about/unwto-es>>. Acesso em 11 de mar. 2012

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **Introdução ao turismo**. Trad. Dolores Martins Rodriguez Córner. São Paulo: Roca, 2001, pp. 201 - 213. Disponível: <<http://www.nav.tur.br/index>>. Acesso em: 02 de maio. 2013

PAIVA, Maria das Graças de Menezes V. **Sociologia do Turismo**- Campinas, SP: Papirus, 1995. - (Coleção Turismo)

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente**. 16° Ed.- Campinas, SP. Papirus, 2012. - (coleção turismo)

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo: Razão e Emoção**./ - 3°. Edição- São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Clézio. **Espaço turístico e globalização: refletindo seus efeitos no meio ambiente**./ - Montagem, Ribeirão Preto: CUMML, Ano 5, n. 5, Nov. 2001 (p.49-55).

SILVA, Wilza Carla Moreira. **Monumento Natural Vale dos Dinossauros: Meio Biofísico e Interfaces Eco-Sociais**. João Pessoa 2004.

SILVA, Noelice Santos; SANTOS, Telma Maria Sousa. **Turismo e infraestrutura urbana: Um diagnóstico sobre os núcleos receptores de Cipó, Glória, Paulo Afonso e Tucano (BA)**. Bahia 2004. Disponível: <<http://www.uesb.br/eventos/ebg/anais/2x.pdf>>. Acesso em: 10 de maio. 2013.

SPONCHIADO, Fellipe Argente. **Turismo e Desenvolvimento em Camború/SC: Uma Introdução**. Canoinhas, 2009. Disponível em: <<http://www.unc.br/>>. Acesso em: 18 de mai. 2012.

ROCHA, Josenilton Patrício. **La Actividad Turística em La Costera de província de Paraíba/ Brasil em el umbral Del siglo XXI: Entre el deseo y La realidad**. Granada, 2003.

RODRIGUES, A.B. (org.). **Turismo e espaço – Rumo ao conhecimento transdisciplinar**. 3° Ed. São Paulo: HUCITED, 1999.

TORRES, Thaís Gomes. SILVÉRIO; José Luiz da Silva. **A Produção do Espaço pela Atividade Turística**. V. 13, 2009. Disponível em <<http://>

cascavel.ufsm.br/revistageografia/index.php/revistageografia/>. Acesso em: 20 de jan. 2012.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo. Como aprender, como ensinar**, 3º Ed.-São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – Unisinos Biblioteca da Unisinos. **Guia para elaboração de trabalhos acadêmicos (artigo de periódico, dissertação, projeto, trabalho de conclusão de curso e tese)**. Edição revisada e modificada em agosto de 2009. São Leopoldo, 2009.

VERRIÈRE, Jacques. **As políticas de população**. Editora Bertrand Brasil S. A. 2ª Edição, 1991.

VIGNOLO, Carine Jorgens. **O Guia de Turismo: suas habilidades e competências para o atendimento ao turista surdo**. Porto Alegre: IPA, 2006. Monografia (Graduação), Centro Universitário Metodista IPA, 2006. Disponível em: <<http://ged.feevale.br/bibvirtual/Monografia/MonografiaMicheleHoller.pdf>>. Acesso em: 01 de mai. 2012.